

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: 211

Data: 29.01.80

Pg.:

## Conflitos se agravam em terras indígenas no PR

JORNAL DE BRASÍLIA 29.01.80

Curitiba — Soldados da Polícia Militar de Pato Branco, cidade do sudoeste do Paraná, a 80 quilômetros da área Guarani no posto da Funai de Mangueirinha, foram destacados para evitar maiores conflitos na região. Ontem, eles permaneceram com os índios durante a colheita de feijão, enquanto Osvaldo Burg, proprietário de uma churrascaria nas proximidades, arrumava sua mudança, já que o prazo dado pela liderança indígena para que abandone a área expira hoje ao meio dia.

Isaac Bavaresco, chefe da Funai do posto de Mangueirinha explicou que não se achava ontem na reserva na hora do conflito entre os índios e Osvaldo Burg, ocorrido no início da tarde de sexta-feira, mas sim na cidade de Palma, a 100 quilômetros. Em Palma, Bavaresco entregou um documento ao batalhão do Exército sediado na fronteira, em que relata os problemas na reserva, cujo conteúdo é semelhante ao enviado à superintendência da Funai em Brasília. O relatório do chefe do Posto adverte que «a situação começa a tornar-se delicada e aflitiva».

Ele informa que a «comunidade indígena está insatisfeita pelo silêncio mantido pela Funai», com relação a uma área de 3.707 alqueires, onde está localizada uma das maiores reservas florestais de pinheiro do Paraná, vencido judicialmente — em primeira instância — pela Madereira Slaviero. Diz ainda que «esta chefia tem sido fortemente pressionada pelos índios a

respeito do problema». E garante: «De uma hora para outra esse povo se rebela contra um e contra todos e nós não teremos as mínimas condições de detê-los, conforme pronunciamento de alguns».

No momento em que Bavaresco entregava o documento, as lideranças indígenas em Mangueirinha, munidas de espingardas, expulsaram cinco homens que bebiam cerveja em uma churrascaria localizada dentro da área Guarani e deram um prazo de 48 horas para que seu proprietário, Osvaldo Burg, abandonasse o local. Além disso passaram todo o dia de sentinela na entrada da área Guarani situada a 25 quilômetros do Posto da Funai, onde residiam os Kaingangues.

Com o auxílio de dois soldados da Polícia Militar, residindo na área há dois anos, estiveram também à procura de homens armados para se apossar de suas armas, o que ocorreu com um deles.

Os soldados foram chamados ontem a prestar depoimento no comando da Polícia Militar, em Pato Branco, sobre a apreensão da arma e o incidente na churrascaria. Quatro soldados permaneceram na área com a orientação de ficar até quando for necessário. Mas os índios abandonaram as espingardas durante o dia de ontem, apesar de ainda manterem a vigilância. Os demais índios passaram o dia colhendo feijão nas lavouras Guarani, localizadas em terras de intrusos expulsos há cinco meses, mas que continuam nas proximidades.

## Apenas um dos incidentes

Memélia Moreira

O ataque dos índios kaingang à Churrascaria de Osvaldo Burg, ocorrido na sexta-feira, é apenas um dos muitos incidentes que podem ocorrer na área do Posto Indígena Mangueirinha, a poucos quilômetros de Curitiba. Estes índios estão decididos a ocupar os três mil e 707 hectares de terra onde a empresa Slaviero Comércio e Indústria explora madeira. A empresa ganhou uma questão na Justiça contra a Funai, mas para os índios este fato é irrelevante, pois eles são os habitantes imemoriais da terra.

O Posto Indígena Mangueirinha foi delimitado em março de 1903, compreendendo cerca de 17 mil hectares de terra. Em 1949 o governador Moisés Lupion vendeu oito mil 976 hectares do posto para o grupo econômico Forte-Khoury, que posteriormente vendeu ao grupo Slaviero. Nela se encontra a maior reserva de araucárias do mundo com 150 mil pinheiros. E os pinheiros são a razão de todo o conflito.

Em setembro de 1979 a Funai decidiu reaver as terras em mãos do grupo Slaviero. Moveu-lhes uma ação na Justiça e perdeu. A partir daí qualquer manifestação dos índios poderia ser prevista. Basta uma rápida pesquisa para saber que os kaingang não podem mais ter paciência. Eles vêm reivindicando há longos anos. O prazo dado para a recuperação das terras esgotou-se em dezembro, e o cacique Angelo Kretã (líder de todos os kaingang, não apenas de Mangueirinha) não admite que se use a palavra «invasão», quando se fala da atitude agora tomada. Ele corrige e diz que é uma «ocupação».

A paciência deles esgotou-se com o prazo dado. Assim aconteceu também em 1978, quando, cansados de esperar a remoção dos posseiros do Posto Indígena

Rio das Cobras, os guaranis e kaingang decidiram expulsá-los. A Funai então foi obrigada a convocar a Polícia Militar de Cascavel, bem como sete homens da Polícia Federal e iniciar o despejo dos posseiros e pequenos madeireiros que viviam dentro da área, no município de Laranjeiras do Sul.

Mas, se por um lado as grandes empresas são acobertadas por políticos, por outro a Funai leva uma grande parcela de responsabilidade nesta questão. Continuando a política do extinto Serviço de Proteção aos Índios que consistia em arrendar terras indígenas no Sul do país, ela descobriu também uma fórmula rápida de recolher lucros com o pinheiro e a imbuia: abriu concorrência para a exploração da madeira dita «desvitalizada» e montou serrarias para o aproveitamento da madeira. O lucro ficava todo no Departamento Geral de Patrimônio Indígena, por onde passaram os funcionários mais corruptos do órgão, primeiro o general Demócrito de Oliveira e depois João Crisóstomo da Silva.

Os kaingang jamais usufruíram da madeira retirada. Numa região rica em madeira de lei, as casas destes índios são miseráveis taperas. Aculturados, eles começaram a perceber o roubo a que vinham (e vêm) sendo submetidos. Angelo Kretã, um dos heróis desta resistência, não confia em ninguém. Para ele, tanto a Funai como os missionários são «indefeizáveis» na área indígena. Ele não se cansa de repetir que o destino dos índios deve ser dirigido por eles mesmos, enfim, prega a autodeterminação.

Agora a solução deve vir rapidamente e como sempre, depois de instalado o conflito, ou seja, uma solução mais cara.